

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia/ Núcleo de Direitos Humanos LGBT
Curso de Especialização Gênero s Diversidade na Escola
Polo Governador Valadares

Jair Fortunato Dias Junior

**OMISSÃO E INVISIBILIDADE DA HOMOFOBIA NA ESCOLA TENDO COMO
PONTO DE PARTIDA O CASO DO ADOLESCENTE PETERSON RICARDO
TEIXEIRA**

Governador Valadares

2016
Jair Fortunato Dias Junior

**OMISSÃO E INVISIBILIDADE DA HOMOFOBIA NA ESCOLA TENDO COMO
PONTO DE PARTIDA O CASO DO ADOLESCENTE PETERSON RICARDO
TEIXEIRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Gênero e Diversidade na Escola do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientadores:
Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento

Governador Valadares

2016

Jair Fortunato Dias Junior

HOMOFOBIA NA ESCOLA: omissão e invisibilidade. Uma análise do caso do adolescente Peterson Ricardo Teixeira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Especialização
em Gênero e Diversidade na Escola da
Universidade Federal de Minas Gerais.
Governador Valadares, 2016.

Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso (Orientador)

Prof. Dra. Érica Renata de Souza (Banca examinadora)

Prof. Dr. Felipe Moreira (Banca examinadora)

RESUMO

Este artigo pretende analisar o caso do estudante Peterson Ricardo Teixeira de Oliveira, de 14 anos, cujo falecimento contém indícios fortes de relação com homofobia. Buscaremos observar basicamente dois fatores: a invisibilidade dada à questão da homofobia, e a omissão da instituição de ensino e do estado frente ao assunto. Não queremos aqui buscar o culpado pela morte do estudante ou estigmatizar o sistema educacional, que, no geral, não está preparado para lidar com a diversidade sexual. O que buscaremos é analisar e compreender os elementos que orbitam no entorno desta omissão e negação da *não heteronormatividade* dentro das instituições educativas. Na introdução deste texto exporemos os motivos que nos inquietaram a abordar este assunto; também buscaremos definir o significado, que daremos nestas linhas, para o termo homofobia; assim, poderemos aplica-lo de uma maneira mais coerente com o acontecido com o estudante. Logo, iniciaremos um dialogo com as reportagens, que serão expostas na íntegra, afim de compreender como a homofobia se manifestou no caso do adolescente Peterson, em um contexto que conta com a participação da escola e do estado.

Palavras chaves: Homofobia, Escola, Invisibilidade, Heteronormatividade, Peterson Ricardo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2- A MORTE DO ESTUDANTE PETERSON.....	7
SEGUNDO OS PORTAIS DE NOTÍCIAS G1 E R7	
3 – OMISSÃO E INVISSIBILIDADE DENTRO DO CASO DE PETERSON.....	10
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
5 - ANEXOS.....	21

INTRODUÇÃO

Discutir identidade sexual, dentro das escolas, não é tarefa fácil, apesar de encontrarmos bons exemplos em escolas por todo o país. De um lado você tem os alunos, que no geral estão dispostos a conversar sobre o tema; do outro lado estão os pais, que desejam que seus filhos sejam educados, mas exigem que a questão sexual seja abordada de uma maneira heterossexista, sem permitir o debate sobre as diferentes formas de manifestação da sexualidade. Em outras palavras, não se pode abordar a heterossexualidade e o binarismo homem/mulher dentro da escola. E ainda possuímos um terceiro lado composto pelos (as) diretores (as) das instituições educativas. Estes (as), normalmente visando atender aos anelos dos pais, preferem se calar sobre o assunto, invisibilizando qualquer tipo de manifestação ou discussão que fuja do heterossexismo. Sendo assim, como formaremos um bom cidadão sem tratar de um dos temas mais centrais na construção de sua identidade, e de suas relações sociais, como é o caso da sexualidade?

Adicionalmente nos inquieta a questão da invisibilidade, pois a presenciamos diariamente dentro das instituições educativas. O caso que nos serviu como motor de arranque de nossa inquietação no presente trabalho parte das consequências de um beijo entre duas meninas dentro de uma escola, instituição esta onde estou lotado há mais de três anos. Nos educandários sempre há beijos entre casais de namorados; então, por que esse beijo entre duas meninas criou tanto alvoroço? Entre a maioria dos alunos não houve problema, mas entre os funcionários da escola a inquietação foi demasiada. Chegamos ao ponto de as famílias das meninas serem chamadas e, em uma ou duas semanas, as duas já estavam estudando em outras escolas. Além disso, assim que elas foram transferidas, o assunto morreu completamente. Era como se o fato nunca tivesse acontecido.

Esse acontecimento, assim como veremos no caso de Peterson, fica claro o título deste trabalho: a omissão e invisibilidade da homofobia dentro da escola. No caso das garotas, vemos a invisibilidade no fato da escola fingir que a situação nunca ocorreu; assim, não haveria motivos para problematizar a questão dentro

da escola. Já a omissão é percebida quando a escola prefere se calar frente ao assunto, é como se o acontecido não fizesse parte da vida das alunos e do educandário.

O que aconteceu no caso das garotas demonstra uma característica que, infelizmente, encontramos em muitos ambientes escolares. Boa parte dos educandários não estão preparados para lidarem com diferenças, com a diversidade transitando pelo corredor, seja ela de gênero, identidade sexual, étnica, de raça ou religião. E o que ainda é pior encontramos escolas que não admitem a necessidade de se trabalhar a diversidade.

Esta situação não é exclusividade desta escola, todos os dias com adolescentes estudantes em todas as partes do país aconteceu algo similar. Pelos corredores de muitos dos educandários, prevalece uma cultura heteronormativa que impede qualquer visibilidade da diversidade que envolve nossa sexualidade. O caso do adolescente Peterson, que iremos abordar no decorrer deste trabalho, se entrelaça com a história dessas garotas. São casos diferentes, mas que possuem a omissão e o despreparo no trato com a diversidade como aspectos comuns.

De forma geral, o caso das meninas, assim como o de Peterson, se enquadra no que chamamos de *homofobia*. Porém, antes de iniciar nossas considerações a respeito das questões que poderiam estar envolvidas na discussão sobre a morte de Peterson, adolescente filho de um casal *gay*, é necessário definirmos qual sentido daremos para essa expressão. O significado deste termo, segundo DINIZ (2011, p.45), refere-se ao "*preconceito e à discriminação em relação às pessoas homossexuais*". Mas Peterson, como veremos em nenhuma das reportagens citadas, é dado como homossexual. Então utilizaremos o termo homofobia para expressar qualquer forma de discriminação contra a diversidade sexual e contra alguns outros elementos que orbitam em torno dela. Como é o caso de Peterson, vítima da homofobia pelo fato de seus pais serem homossexuais.

A MORTE DO ESTUDANTE PETERSON SEGUNDO OS PORTAIS DE NOTÍCIAS G1 E R7.

Nestes escritos teremos como textos bases duas reportagens que narram os acontecimentos que giram em torno da morte do adolescente. A primeira foi retirada do site R7.com e a segunda da página de notícias da rede Globo o G1.com

Segundo o site de notícias R7.com, no dia 09 de março de 2015 o adolescente Peterson Ricardo, de 14 anos, faleceu após permanecer uma semana em coma. Ainda segundo o portal de notícias, Peterson entrou em coma após se envolver em uma briga na porta da escola onde estudava, na cidade de Ferraz de Vasconcelos, na Grande São Paulo. A confusão teria ocorrido no dia 05 de março motivada pelo fato do garoto ser filho de um casal homossexual. Um dos pais de Peterson, Márcio Nogueira, informou ao site de notícias que foi informado pelo delegado, que atendeu o caso, de que o filho sofria preconceito dentro da escola pelo fato de ser filho adotivo de um casal não heterossexual.

Na reportagem do R7 ainda encontramos as falas do delegado e da escola em conjunto com a secretaria de estado de educação de São Paulo. O primeiro relata que foi confirmada a briga de Peterson com outros garotos na porta da escola e que, quatro horas depois precisou ser levado para o hospital. Já o segundo busca afirmar que não houve nenhum tipo de agressão dentro dos corredores da escola.

Já o portal de notícias G1 nos informa que, no dia 27 de março saiu o laudo afirmando que, a morte de Peterson não ocorreu por causa da briga, mas sim por conta de um aneurisma que o adolescente já possuía. Além disso, informa que o delegado que atendeu o caso, Eduardo Boigues, afirmou haver recebido denúncias, através do 171, informando que Peterson fora vítima de homofobia dentro da escola. A escola e a secretaria estadual de educação reiteraram que não houve agressões dentro da escola.

Peterson Ricardo morava na cidade de Feraz de Vasconcelos. Município de cerca de 180 mil habitantes (IBGE 2015) que se localiza na Região Metropolitana de São Paulo. Frequentava a Escola Estadual Doutor José Eduardo Vieira Raduon.

OMISSÃO E INVISSIBILIDADE DENTRO DO CASO DE PETERSON

Ao observarmos as notícias que relatam a morte do estudante Peterson, em especial as duas acima transcritas, percebemos que o tema homofobia pouco aparece. Mas, quando aparece, é clara a vinculação da morte do adolescente com o preconceito por ele ser filho de um casal homossexual. Só para se ter uma ideia, palavras que se relacionam diretamente com o tema foram citadas duas vezes na primeira reportagem e uma única vez na segunda notícia. Assim, ao procurarmos discutir o contexto descrito e as próprias reportagens, consideraremos como uma intenção real a não abordagem explícita do tema, tanto pela escola quanto pelo estado.

BERTOL (2015), em texto introdutório feito para este curso GDE, relata o seguinte:

As opressões e violências ocorrem no espaço público, doméstico e muitas vezes inclusive no espaço escolar. Nos casos de violência contra homossexuais, lésbicas e pessoas trans*, a violência muitas vezes é desencadeada pela desestabilização que suas expressões de gênero e de sexualidade provocam na ideia de que somente são possíveis duas formas de expressão de gênero e que elas são fixas. (p.6)

Observando o acontecido com o adolescente Peterson, percebemos que um dos fatores da violência foi o fato da existência do garoto romper com o padrão pré-estabelecido. Neste caso, não foi um padrão de comportamento, ou de expressão de gênero. Peterson era filho de um casal homossexual; e isso é um desafio para a perpetuidade da heteronormatividade.

No texto de ALBUQUERQUE (2015), fica claro que Peterson sofria com o preconceito homofóbico dentro da escola; e que tal preconceito pode ter sido a

causa da briga que o aluno teve com outros colegas, tempos antes de passar mal e ser conduzido ao hospital local. Assim nos afirma um de seus pais, no terceiro parágrafo da reportagem: "*Eu não sabia que meu filho sofria preconceito por ser filho de um casal homossexual. O delegado que nos informou*".

O interessante é que o educandário, que não foi identificado nestas duas reportagens, não se manifesta sobre a afirmação acima citada. A escola foi acusada de abrigar homofobia em seus corredores, e não se manifestou a respeito. Em ambas as notícias a escola comenta apenas a agressão. A homofobia passa despercebida, ou a escola intencionalmente se omite sobre a questão?

Segundo CIEGLINSKI (2009), a maioria das escolas não estão preparadas para lidar com a questão da diversidade sexual. A necessidade de repassar, para os alunos, o padrão de comportamento "adequado" para a sociedade, aliado ao despreparo dos profissionais das instituições, acaba afastando a escola do trabalho pela diversidade. Isso leva, muitas vezes, o educandário a "fingir" que a problemática não está nos seus corredores. Assim, evita tratar o tema, desviando a atenção para outros fatos. No caso de Peterson, a escola centra sua atenção apenas no caso da agressão, e não nos motivos que possivelmente levaram ao ato. Entretanto, como informam as reportagens, a homofobia já vinha sendo motivo de tensão entre o adolescente e alguns de seus colegas. Quando a escola prefere não se posicionar sobre o tema homofobia, relacionada à morte do adolescente, ela está optando em pactuar com o preconceito sofrido pelo aluno ao longo dos anos, e tornando o adolescente um *não sujeito*.

Segundo DINIS (2011), existe uma outra justificativa utilizada por educadores e escolas, para excluir o tema da diversidade sexual das discussões "*(...) é a ideia de que as identidades sexuais pertencem ao domínio da vida privada*" (p.48). A família é a única responsável. Mas partindo desta justificativa, e a aplicando ao caso de Peterson, entendemos que a escola deveria pelo menos ter avisado aos pais sobre a violência moral sofrida pelo filho. Na reportagem de ALBUQUERQUE (2015), um dos pais do garoto afirma ter tomado conhecimento do *bullying*, sofrido por Peterson, apenas quando conversou com o delegado.

Dados da UNESCO (UNESCO, **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>>. Acesso em 22 de Abr. de 2016) nos revelam que, em 2009, 59% dos professores e 40% dos alunos do Brasil tinham algum tipo de comportamento homofóbico. O que nos leva a inferir que a homofobia está efetivamente presente nos educandários. Se o problema existe, ele deve ser tratado e trabalhado. Os alunos da escola onde Peterson estudava relataram que o garoto sofria discriminação por ser filho de um casal *não heterossexual*. Por que então a questão não foi trabalhada dentro da escola?

Em Junqueira(2009) temos uma resposta plausível para isso:

Ao longo de sua história, a escola brasileira estruturou-se a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso” ou “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com o único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal”.(p.14).

A heteronormatividade molda os trilhos da grande maioria dos educandários brasileiros. E isso interfere na formação da identidade do sujeito adolescente. Segundo Macedo (2014), quando a criança não consegue reconhecer suas experiências na escola, elas passam a ter dificuldades para se reconhecerem no mundo.

Costa (2015) nos diz o seguinte:

Determinados modos de concepção se constituem hegemônicos a partir da articulação entre diferentes sujeitos em torno da identificação com um modo de ser da sociedade específico, o que implica, necessariamente na exclusão de outras possibilidades de ser e na construção de estratégias que visam a manutenção daquele modo de ser como natural. (p.5).

Assim, podemos considerar que, ao invisibilizar e omitir a relação da homofobia com a morte do garoto, a escola corrobora com o discurso dominante. Considera como menores ou irrelevantes os ataques homofóbicos que o adolescente pode ter sofrido, ao longo dos anos dentro da escola. Não dar olhos a essa questão é cegar-se para uma das características que talvez fosse relevante para a identidade do adolescente, que era o fato de ser filho de um casal homossexual.

"O laudo sobre as causas da morte apontou que o jovem teve um problema no coração". Esse trecho, retirado da reportagem de ALBUQUERQUE (2015), nos confirma que o foco, tanto do estado quanto da escola, está na morte física do adolescente. As reportagens, que estão anexadas na íntegra a este trabalho, nos levam a inferir que as discussões, relativas à morte do garoto, buscam definir apenas a causa da morte de física de Peterson. Mas isso já ficou claro no laudo apresentado no dia 27 de março de 2015: o garoto morreu por conta do aneurisma. O que escola e estado focam é em discutir sobre isso e retiram, ou pelo menos omitem, a questão da homofobia na trama. Abordam a violência física, citam a doença do adolescente mas não se pronunciam frente à acusação de que o aluno sofria preconceito dentro da escola por ser filho de um casal gay. E que este preconceito pode ter culminado, inclusive, em uma briga entre Peterson e alguns outros alunos da escola. Quer dizer, a homofobia presente na escola chegou ao ponto de provocar violência física.

Ora, esqueceu-se de dizer que o preconceito também mata. E mata de várias maneiras. No caso de Peterson, foi constatado que sua morte foi causada por um aneurisma. Santana e Pires (2015), no primeiro parágrafo de sua reportagem, relata que o aluno "faleceu de causas naturais. O laudo sobre as causas da morte apontou que o jovem teve um problema no coração". Mas isso não anula os fatos que ocorreram anteriormente à morte do garoto, que foram a homofobia e a violência física, causada em decorrência do preconceito. Assim, omite-se um outro tipo de morte, que é aquela que faz sofrer, que neutraliza, que cria o *não sujeito*, invisibiliza, que o faz o menor entre os outros seres humanos,

que o faz morrer ainda em vida. A esta forma de *óbito* damos o nome de "morte simbólica" (CORRÊA, 2000).

Segundo CORRÊA (2000), a morte simbólica deve ser entendida como o ato de perda da *humanidade* do indivíduo. Quer dizer, quando alguém perde sua *humanidade*, e aqui entendemos humanidade como aquilo que engloba, entre outros aspectos, a individualidade e a identidade, ele deixa o estado de vida e entra na morte, uma vez que ele não mais existe como ser humano.

BOURDIEU (1989) relata a influência que a questão simbólica tem sobre o indivíduo. Ela é capaz de construir a vida, ou levar a morte ao sujeito. Ela pode ser usada como objeto de dominação, transformando o dominado em um *não sujeito*; negando-lhe a individualidade, transformando em um *morto* de anda e respira. A morte simbólica traz tanta dor como a morte física.

Além de Peterson, são tantas as pessoas que estão fora do padrão heteronormativo, que *morrem em vida* todos os dias. *Morrem em vida* ao terem sua individualidade negada, ao terem sua identidade marcada por estereótipos negativos, por serem consideradas os "anormais da sociedade", por não se reconhecerem neste mundo que esta aí, por serem cidadãos cujos direitos não são reconhecidos.

A história de Peterson provavelmente esteve marcada por esse tipo de morte. Nós a percebemos até mesmo depois de seu falecimento, quando escola e Estado não tratam de assuntos que estavam ligados, direta ou indiretamente, a sua morte física e ao sofrimento que o garoto passava dentro do educandário. O fato é que houve omissão antes e depois da morte do adolescente. Observamos a omissão da escola antes mesmo da morte do adolescente, pois, apesar de haver ocorrido preconceito contra o menino, pelo fato de ele ser filho de um casal *gay*, a escola se manteve calada sobre o assunto, a escola não comunicou o ocorrido aos pais, a escola não aproveitou o momento para uma promoção da discussão sobre a diversidade sexual dentro de seus muros, procurando combater, assim, o *bullying* homofóbico. Assim nos diz a reportagem de

Albuquerque (2015) quando relata a entrevista de um dos pais de Peterson: "Eu não sabia que meu filho sofria preconceito por ser filho de um casal homossexual.

O delegado que nos informou". Depois da morte do garoto também percebemos a omissão, pois tanto escola quanto Estado se omitem a discutir a relação entre a morte do adolescente e a questão do preconceito que o mesmo sofria dentro do educandário. Nem sequer foi divulgada uma nota dizendo que escola ou Estado trabalham, ou promovem, ações que buscam combater a homofobia, ou qualquer outra forma de preconceito, dentro do sistema educacional.

No colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, no ano de 2014, um aluno transexual foi recriminado pela direção por ir, pela primeira vez, à escola vestido de "mulher". Houve, então, como reação à atitude da direção, um "saiáço" organizado por parte dos alunos. Tal situação, segundo o jornal online *O Globo*, levou a escola a repensar suas atitudes frente à diversidade sexual. Tanto foi que em 2015 o foco da escola foi o debate sobre a diversidade sexual e de gênero. Isso nos mostra que outras ações relativas ao contexto escolar são possíveis.

Não queremos, com o exemplo do Colégio Pedro II, generalizar que todas as escolas devem tomar esta mesma atitude. O que buscamos é exemplificar que cada escola, dentro de sua própria realidade, deve buscar maneiras de problematizar a questão da diversidade, que atenda as expectativas de seus alunos e que se enquadre dentro do contexto onde estão localizadas.

Na reportagem de Albuquerque (2015), fica bem claro que a escola onde Peterson estudava deseja manter-se bem longe das discussões que envolvem a morte do adolescente. Aparentemente, não houve nenhuma iniciativa que buscasse enfrentar a questão e promover uma discussão sobre a questão de gênero na escola.

A Secretaria Estadual de Educação e a Secretaria Estadual de Saúde negam a versão da família. Em nota, a Secretaria Estadual de Educação informou que não há nenhum registro de agressão no interior da unidade onde o adolescente estudava e que as imagens das câmeras de segurança estão à disposição das autoridades policiais. (ALBUQUERQUE, 2015)

Quando o assunto é Direitos Humanos, é importante assumir uma atitude de defesa de sua efetivação, problematizando as questões que impeçam sua promoção, afim de levar o individuo ao pleno gozo de sua cidadania. Ao não se posicionar de maneira mais clara e efetiva sobre a morte do adolescente e sua relação com a homofobia, ao escolher não comentar o assunto, a escola acaba invisibilizando a homofobia dentro do educandário. Se a homofobia não existe, então a diversidade sexual não precisa ser trabalhada dentro da escola. Se a diversidade sexual não é trabalhada, acabamos fortalecendo a heteronormatividade e, ao mesmo tempo, ignoramos e invisibilizamos uma grande quantidade de alunos que não se "enquadram" dentro do "padrão" heteronormativo. O resultado dessa omissão pode ser, como nos afirma Czech (2008), uma sociedade desumanizada que para se autoafirmar precisa negar a existência do outro.

Em toda essa discussão, é importante reconhecermos que o estado talvez também tenha sido omissor ao não se posicionar sobre os possíveis atos de homofobia que antecederam a morte do adolescente. Na reportagem de Santana e Pires (2015) temos a seguinte informação:

Na época, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo negou que houve agressão. "É importante reiterar que não há registro de nenhuma agressão dentro da escola, que permanece à disposição das autoridades policiais", afirmou em nota.

A Secretaria de Educação repete a mesma postura da escola. Se cala frente os acontecimentos. Não houve um interesse do Estado em problematizar a possível questão da homofobia presente na morte de Peterson. O Estado não quer enfrentar o paradigma da heteronormatividade. Um outro exemplo disso é que, em 2011, quando a criação dos Planos Estaduais e Municipais de Educação, o tema Diversidade Sexual causou polêmica em todo o país. O Estado de São Paulo não defendeu a inserção do tema no plano estadual. Pelo contrário, retirou o tema que havia sido colocado pelo Fórum Estadual de Educação. O que simboliza, assim como a omissão frente à morte de Peterson, que o Estado não

deseja enfrentar a heteronormatividade que pauta as relações sociais e propaga uma gama enorme de preconceitos por toda a sociedade.

Quando muito, vista por uma perspectiva extremamente positiva, a posição da escola e do Estado, frente à morte de Peterson, pode ser vista como uma forma de neutralidade. Ora, a neutralidade só mostra o interesse dos envolvidos em não problematizar a questão da homofobia. Não fazer com que ela apareça; deixa-la invisível. Sendo assim, podemos entender essa neutralidade, tanto do Estado quanto da escola, como uma forma alternativa de invisibilizar a homofobia e perpetuar o discurso heteronormativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse breve conjunto de considerações sobre alguns aspectos relativos à morte do adolescente Peterson, temos que admitir que o ambiente escolar não está ainda preparado para lidar com o tema diversidade e sexualidade, ou que não deseja levar essa temática pra dentro de seus corredores.

Fingir que a diversidade sexual não existe dentro das escolas e acreditar que todos os alunos se enquadram na heteronormatividade leva as escolas a desconsiderar qualquer possibilidade de se trabalhar, discutir ou problematizar qualquer coisa que fuja deste padrão. A morte do adolescente Peterson, abordada nesse trabalho, nos obriga a repensar a função da escola frente ao grande número de mortes por homofobia que vemos hoje no Brasil. Desconstruir o discurso e as práticas homofóbicas, dentro das escolas e da sociedade como todo, é uma tarefa difícil, ainda mais quando nós mesmos não estamos livres de preconceitos. Como nos propõe MACEDO (2014):

(...) Se desconstruir os conteúdos é difícil na medida em que muitos deles são sustentados como universais ao longo dos séculos, a desconstrução de nós mesmos como sujeitos talvez seja ainda mais penosa.

Nas escolas deste nosso país são tantos *Petersons* que morrem todos os dias; seja de forma violenta ou simbólica. O Estado se omite; a escola invisibiliza. E os adolescentes adoecem por não serem reconhecidos como sujeitos portadores de direitos. Nem mesmo a morte física, como é o caso de Peterson, faz com que o discurso do Estado, das escolas e da mídia deixem de propagar a heteronormatividade e abram espaço para o debate sobre a diversidade.

Peterson foi mais uma vítima desse sistema que classifica as pessoas, que cria padrões e pune qualquer um que esteja, ou tente estar, fora dele. A existência de um garoto foi negada pelo simples fato de sua família não se enquadrar no padrão estabelecido. Os motivos que levaram o garoto a sofrer violência física foram omitidos; pois assim não precisariam ser tratados pela sociedade e, principalmente, pela escola.

Mas, como vimos, há outras formas de se posicionar frente à homofobia. A escola Pedro II é um exemplo de iniciativa sobre discussão de gênero. Como ela, há outras por este país, também aqui em Governador Valadares. Por isso, ousamos acreditar que uma outra realidade é possível, que, com empenho e colaboração, Estado e escola podem transformar a realidade de tantos *Petersons* em sonhos de uma sociedade mais acolhedora da diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Sylvia. **Morre filho de casal gay agredido em porta de escola.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/morre-filho-de-casal-gay-agredido-em-porta-de-escola-12032015>>. Acesso em 28 de Dezembro de 2015.

BERTOL, Carolina Esmanhoto. **Violências de gênero e enfrentamento ao preconceito de gênero.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092008000100011&script=sci_arttxt>. Acesso em 22 de Abr. de 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico.** Disponível em: <http://lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU__Pierre._O_poder_simb%C3%B3lico.pdf>. Acesso em 05 de Julho de 2016.

CENTRO DE REFERENCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Escola trabalha questões como lesbofobia, transfobia e homofobia com seus estudantes.** Disponível em:< http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:VyAtf6Dsj5lJ:www.sed.sc.gov.br/secretaria/documentos/doc_download/417-abordagem-as-diversidades-no-processo-pedagogico-+&cd=2&hl=en&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 22 de Abr. de 2016.

COLEGIO PEDRO II. **Aula inaugural 2015: CPII coloca em foco diversidade sexual e de gênero.** Disponível em : <http://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/211-noticias2015/2481-aula-magna-2015-cpii-coloca-em-foco-diversidadese sexual-e-de-g%C3%A9nero.html>. Acesso em 28 de Abr. de 2016.

CORRÊA, Maria Aparecida Santos. **Morte Simbólica, não-ser em Vida: Construindo o Conceito.** in **III Conferência de pesquisa sócio-cultural UNICAMP.** Disponível em: < <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9z9cGXZxMk4J:https://www.fe.unicamp.br/br2000/trabs/2020.doc+&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 23 de Abr. de 2016.

COSTA, Frederico Alves. **Igualdade e diferença**. Belo Horizonte, UFMG, 2015.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **Despreparo no combate à homofobia nas escolas**. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/brasil/20/03/15/interna_brasil,113424/despreparo-no-combateahomofobia-nasescolas.shtml>. Acesso em 27 de Dezembro de 2015.

DINIS, Nilson Fernandes.. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Morre jovem que teria sido agredido por ter pais adotivos gays**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/03/1600690-morre-jovem-que-teria-sido-agredido-por-ter-pais-adotivosgays.shtml>>. Acesso em 28 de Dezembro de 2015

IBGE. **Cidades**. Disponível em : < <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=351570&search=sao-paulo|ferraz-de-vasconcelos> >. Acesso em 03 de Junho de 2016.

Rogério Diniz Junqueira (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Disponível em: http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/repositorio/39/diversidade_sexual_na_educacao_e_homofobia_nas_escolas.pdf>. Acesso em 23 de Abr. de 2016.

MISKOLCI, Richard (org.). **Marcas das Diferenças na Escola**. São Carlos: UFSCar, 2014

NOTÍCIAS TERRA. **Jovem filho de casal gay é espancado até morrer em São Paulo.** Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/jovem-filho-de-casal-gay-e-espancado-ate-morrer-em-saopaulo,4c4d6a4f0d40c410VgnCLD200000b2bf46d0RCRD.html>> Acesso em 30 de Dezembro de 2015

NUDI's - Núcleo de Debates sobre Diversidades e Identidade: entrevista [jun. 2014]. Entrevistador: Jornal Figueira.Governador Valadares. Disponível em: <<http://www.figueira.jor.br/Materiaespecifica/6614/Nucleo-de-Debates-sobre-Diversidades-e-Idetida-de.>>Acesso em 17 de Dezembro de 2015.

O GLOBO .**Meninos do Colégio Pedro II vão a aula de saia em apoio à colega transexual** Disponível em :<<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/meninos-do-colegio-pedro-ii-vaio-escola-de-saia-em-apoio-colega-transexual-13893794>>. Acesso em 28 de Abr. de 2016.

ROSSI, Alexandre José. **Homofobia na escola: desafio de todos nós.** Disponível em:<http://www.mundojovem.com.br/artigos/homofobia-na-escola-desafio-de-todos-nos>. Acesso em 15 de Janeiro. 2016

SALES, Shirlei Rezende. PARAÍSO, Marlucy Alves. **O Jovem Macho e a Jovem Difícil: governo da sexualidade no currículo.** Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/21601>>. Acesso em 08 de Janeiro de 2016

SANTANA, Jamile. PIRES, Douglas. **Laudo aponta que filho de casal gay morreu de causas naturais, diz polícia. Disponível em** < <http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2015/03/laudo-aponta-que-filho-de-casal-gay-morreu-de-causas-naturais-diz-policia.html>>. Acesso em 28 de Dezembro de 2015.

SILVA, Conceição F. Seixas. **A escola e as relações de igualdade e diferença.** Belo Horizonte, UFMG, 2015

UNESCO, **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Disponível em:< <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>>. Acesso em 22 de Abr. de 2016

ANEXOS

1- REPORTAGEM, NA INTEGRAL, RETIRADA DO SITE R7.COM

Morre filho de casal gay agredido em porta de escola

Os adolescentes envolvidos na confusão prestaram depoimento na semana passada

Morreu, na tarde desta segunda-feira (9), o adolescente Peterson Ricardo de Oliveira, de 14 anos, que estava em coma desde a semana passada após se envolver em uma confusão na porta de uma escola pública na Vila Jamil, em Ferraz de Vasconcelos, Grande São Paulo.

Peterson foi agredido no dia 5 deste mês por ser filho de um casal de homossexuais, segundo um dos pais que conversou com o R7, Márcio Nogueira.

— Eu não sabia que meu filho sofria preconceito por ser filho de um casal homossexual. O delegado que nos informou. Estamos tristes e decidimos divulgar o que aconteceu para que isso não se repita com outras crianças.

O adolescente estudava na unidade de ensino desde os seis anos. Um irmão de 15 anos, que frequenta o mesmo colégio, presenciou a agressão.

O delegado Eduardo Boiguez Queiroz, da delegacia de Itaquaquecetuba, confirmou que o menino se envolveu em uma briga horas antes de passar mal e precisar ser levado da escola para o hospital.

— Ele brigou com alguns garotos na entrada da escola e passou mal quatro horas depois. Ele brincou, assistiu aula e depois passou mal. Ele já tinha um aneurisma. Não podemos afirmar que ele passou mal por conta da briga.

A Secretaria Estadual de Educação e a Secretaria Estadual de Saúde negam a versão da família. Em nota, a Secretaria Estadual de Educação informou

que não há nenhum registro de agressão no interior da unidade onde o adolescente estudava e que as imagens das câmeras de segurança estão à disposição das autoridades policiais.

Além disso, a pasta informou que "a direção da escola lamenta profundamente" a morte do aluno, "que estudava na unidade desde os seis anos e participava ativamente das atividades curriculares extra classe, inclusive sendo parte do grupo de teatro e das oficinas realizadas aos finais de semana. Todo apoio aos familiares está sendo prestado."

Já a Secretaria Estadual de Saúde confirma que o adolescente deu entrada nesta quinta-feira (5) no Hospital Regional de Ferraz de Vasconcelos com parada cardiorrespiratória e passou por um processo de reanimação. Exames feitos no garoto também constataram que ele teve hemorragia, mas não apresentava sinais externos de violência física.

O pai informou que pretende processar o governo de São Paulo.

— Queremos que a justiça seja feita.

2- REPORTAGEM, NA INTEGRA, RETIRADA DO SITE G1.COM

Laudo aponta que filho de casal gay morreu de causas naturais, diz polícia

Morte foi após aluno passar mal em escola em Ferraz de Vasconcelos. Pais suspeitavam de agressão; laudo apontou problema cardíaco.

A Polícia Civil informou na tarde desta sexta-feira (27) que o estudante Peterson Ricardo Teixeira de Oliveira, de 14 anos, que ficou internado e morreu após passar mal em uma escola estadual em Ferraz de Vasconcelos, na Grande São Paulo, faleceu de causas naturais. O laudo sobre as causas da morte apontou que o jovem teve um problema no coração. Os pais adotivos do estudante são homossexuais e suspeitavam que o filho havia morrido após ter sido agredido em uma briga na escola.

A investigação da polícia concluiu que Peterson sofria de cardiomiopatia hipertrófica. O delegado que investiga o caso, Eduardo Boigues, informou nesta sexta-feira (27) que o coração era muito grande para a idade dele. "Não tem como relacionar a briga que ele teve às 7h da manhã com um problema de arritmia ocorrido às 10h30 por conta do problema que ele tinha no coração. Ele não tinha lesão e não tinha nenhum trauma no crânio", explica o delegado.

A Polícia concluiu que Peterson Ricardo Teixeira morreu de causas naturais.

Boigues explicou ainda que tudo começou com uma ombrada desferida por Peterson em um colega. "Depois houve uma discussão com outros colegas da mesma idade. Eles entraram no corredor da escola, mas o Peterson sai e ele vai atrás deles. A diretora chega e leva os dois para uma mediação, mas eles negam a briga. Depois, por volta das 9h30 saem para o intervalo e não há mais sinal de briga. Somente por volta das 10h30 ele começou a passar mal", detalha.

Boigues explica ainda o motivo pelo qual o laudo de um médico do Hospital Luzia de Pinho Melo tinha apontado uma lesão no pulmão do estudante. O documento foi assinado por um médico neurologista que fez exames em Peterson em Mogi das Cruzes. O laudo serviu de comunicação entre hospitais, já que

Peterson estava internado em Ferraz. "Na hora da massagem cardíaca houve essa contusão no pulmão. Imagina a caixa torácica, quando você reanima tem um afundamento de 4 centímetros e, às vezes, o pulmão pode furar. Ele morreu de causas naturais", detalha.

O delegado explicou que a denúncia do suposto bullying sofrido por Peterson na escola chegou por meio do 181. "Não havia bullying. O próprio pai dele, o Carlos, disse que ele nunca havia reclamado de ter sofrido isso na escola", explica.

Na época, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo negou que houve agressão. "É importante reiterar que não há registro de nenhuma agressão dentro da escola, que permanece à disposição das autoridades policiais", afirmou em nota.

Peterson vivia com os pais adotivos desde os 10 anos. Além dele, o casal tem mais dois filhos. O estudante passou mal na escola e foi internado no dia 5 de março, no Hospital Regional de Ferraz de Vasconcelos. Quatro dias depois ele morreu.

No dia do velório, um dos pais, Márcio Nogueira, afirmou que alunos comentaram que houve uma briga e cinco adolescentes agrediram seu filho em um "corredor da morte". Desde a internação a polícia investigava o caso.

Além de Peterson, o casal tem mais um filho adotivo. O jovem de 14 anos vivia com os pais desde os 10 anos.

3- IMAGEM DO ADOLESCENTE PETERSON (R7.com, 2015)



3- IMAGEM DO ADOLESCENTE PETERSON (G1.com, 2015)

